

DUAS CONVENÇÕES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 14.08.1984

Os conservadores se sucedem. Falam em democracia, em eleições diretas, em retomada do desenvolvimento, em renegociação soberana da dívida externa, em fim do arrocho salarial, em reforma agrária, em Assembléia Nacional Constituinte, em defesa dos direitos das minorias, das mulheres, dos menores abandonados, dos negros. Há muito barulho, mas quando alguns oradores, como Miguel Arraes, falam todos se calam. As galerias cantam refrões, muitos dos quais ouvimos nos comícios das diretas, outros novos, falando de Tancredo e Juscelino Kubitschek, de Tancredo e Ulysses, de Tancredo e Sarney.

O presidente Ulysses Guimarães comanda o grande espetáculo impondo sua autoridade incontestada e recebendo aplausos consagradores. Os governadores do PMDB estão todos presentes. Montoro, embora tenha sido o principal articulador da candidatura, não sobe à mesa. A entrada de Tancredo é uma apoteose. Os repórteres de rádio e televisão fazem acrobacias por uma palavra ou uma imagem. Os votos são contados e os resultados divulgados. Tancredo com 656 Sarney com 543 votos são os candidatos do PMDB.

Entram os representantes da Frente Liberal encabeçados por Sarney e Marco Maciel. Aplausos. Nos alto-falantes soam os acordes do hino nacional. Todos se levantam e cantam em voz alta, fazendo desaparecer o som gravado. É o momento de maior emoção. Todos se dão as mãos e levantam os braços.

Ulysses Guimarães afirma sua certeza na vitória do candidato da Aliança Democrática no colégio eleitoral, mas garante que até o último momento todos lutarão pelas eleições diretas. Discursam os três oradores oficiais. Afinal Tancredo Neves, falando em seu nome e no de José Sarney, faz um discurso de estadista. Aborda todos os grandes problemas nacionais, não faz promessas vãs, mas adota posições claramente progressistas, de alguém que conhece o Brasil, que conhece seus problemas e participa

da visão que os setores mais esclarecidos da sociedade civil brasileira têm a respeito desses problemas.

Assim foi a Convenção Nacional do PMDB no último fim-de-semana. Uma convenção na qual homens e mulheres de todas as classes se uniram em torno de um projeto comum, de um projeto popular e nacional.

Foi uma convenção muito diferente da Convenção Nacional do PDS, que, no dia anterior, elegeu Paulo Maluf com 143 votos de vantagem sobre Mario Andreazza. Nessa convenção também havia barulho, mas encomendado, pago. Andreazza e malufetes, que nada tinham a ver com os candidatos senão a remuneração a que faziam jus, cantavam e gritavam sem convicção, enquanto convencioneiros cooptados das formas mais escabrosas votavam. No final, um discurso demagógico e irresponsável do candidato vencedor, em que muitas teses da oposição foram usadas para servir de base a promessas irrealizáveis. Ou então realizáveis, mas fruto do cinismo, como a de “eleições diretas em todos os níveis”.

Assim foram as duas convenções. Apenas diferenças de estilo? Não. Diferença de substância. Uma convenção baseada no povo e na sociedade civil, a outra nos interesses de uma minoria: uma baseada em princípios, a outra no oportunismo.

Vamos agora para a disputa dos votos no Colégio Eleitoral. Não será uma disputa fácil. A força da corrupção é enorme. Mas havia um refrão que era sempre repetido pelas galerias da convenção do PMDB: “O Brasil unido jamais será vencido”. Ora, o Brasil está unido, há uma união nacional do povo e da sociedade civil em torno da candidatura Tancredo Neves. Essa união será afinal decisiva.(14/08)